

FOLHA DE S. PAULO

12.6.83

# Serra Pelada, a incerteza para 50 mil pessoas

Uma comitiva de parlamentares visita a região e conhece o drama dos garimpeiros



O garimpo gerou, de janeiro a maio, uma renda de 29,5 bilhões de cruzeiros

**LUÍZ CLÁUDIO PINHEIRO**  
Enviado Especial

MARABÁ — “Deputado, Serra Pelada é hoje um verdadeiro barril de pólvora. Para tirar os cinquenta mil carimpeiros de lá, o governo terá que mobilizar todo o 8.º Batalhão de Infantaria da Selva (com sede em Belém), e mesmo assim poderá não ter êxito. Os garimpeiros vivem a magia do ouro e não encontrarão em nenhuma outra parte a mesma perspectiva de riqueza. Por isso, certamente não vão sair pacificamente, apenas porque o governo decidiu entregar o garimpo à Docegeo.”

Foi isso que o líder do PDS na Câmara dos Vereadores de Imperatriz do Maranhão, José Lamarck, disse ao presidente da Comissão de Minas e Energia da Câmara, deputado Hugo Mardini (PDS-RS), quando da recente visita que os membros da comissão fizeram ao garimpo de ouro de Serra Pelada. Mardini, como de resto quase todos os membros da comissão, mostrou-se sensibilizado pelo problema.

“É preciso encontrar uma solução capaz de conciliar os interesses da Pátria com os interesses do povo”, disse Mardini, ao discursar diante do coordenador do garimpo de Serra Pelada, coronel Ari Santos, que antes havia reafirmado a decisão do governo de fechar o garimpo no próximo dia 15 de novembro (um ano, portanto, depois das últimas eleições), para entregar a área à Docegeo, empresa mineradora subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce.

Em linha semelhante à de Mardini, os demais deputados federais da comitiva falaram da necessidade de se evitar o desemprego de tanta gente. “Precisamos de uma solução alternativa, bem brasileira”, disse Baima Junior (PDS-MA). “Mil famílias no Maranhão dependem de Serra Pelada e o governo estadual não pode arcar com todo esse ônus social”, advertiu João Alberto, também do PDS maranhense.

“Serra Pelada é um modelo que vem funcionando, é um farol que deveria se espalhar pela Amazônia inteira, pela participação popular, pela geração de empregos. O desmoronamento desse modelo será uma grave frustração política”, afirmou Cid Carvalho (PMDB-MA), ressaltando ainda que a Alcoa, que está se instalando perto de São Luís, prevê empregar apenas 3 mil pessoas, apesar de representar um investimento de US\$ 2 bilhões.

### “Não pode fechar”

A maior parte dos garimpeiros e dos donos de barrancos de ouro de Serra Pelada são do Maranhão, ou, mais precisamente, de Imperatriz. Os políticos e empresários da região, sejam do PDS, sejam do PMDB, têm a mesma opinião: o garimpo de Serra Pelada não pode fechar. “Seria um problema social terrível, do dia para a noite teríamos 30 mil desempregados e marginais em potencial nas ruas de Imperatriz”, diz o vereador José Lamarck.

Pode-se dizer que toda a comunidade maranhense está unida na defesa do prosseguimento do garimpo. Afinal, Serra Pelada gerou, apenas de janeiro a maio deste ano, uma renda de exatamente Cr\$ 29 bilhões e 551 milhões, correspondentes ao total das aquisições realizadas pela Caixa Econômica Federal para uma produção de ouro puro da ordem de 3,9 toneladas. Essa renda se irradia pela região e a sua importância é absoluta, principalmente para uma área pobre como é o caso do Maranhão e do Pará.

Do outro lado, o governo argumenta, em favor da entrega de Serra Pelada à Docegeo, que a exploração mecanizada teria muito maior economicidade, convido, portanto, aos interesses nacionais. Que, além disso, o garimpo artesanal causa a perda de cer-

ca de 50% ou 60% do ouro, pelo método manual de lavagem do minério, e mineração empresarial poderia reduzir essa perda a zero. E, também, que não haverá mais condições de segurança para o prosseguimento do garimpo, uma vez que à medida que este se aprofunda, aumentam os riscos de desabamento.

“Para o garimpo penetrar mais 20 metros ao fundo da mina, seriam necessárias obras de terraplenagem ao seu redor ao custo de US\$ 12 milhões”, disse um engenheiro, do Ministério de Minas e Energia.

Finalmente, dizem os técnicos do governo federal que o garimpo não é a forma ideal, do ponto de vista social, para a extração do minério. Segundo ele, apenas 30% dos garimpeiros se apropriam de cerca de 50% da renda gerada, e 10% se apropriam de mais de 70%. “Os capitalistas do garimpo limitam-se a retirar seus lucros, sem precisar meter a mão na terra”, denunciou o técnico Gerobal, do Ministério das Minas e Energia, assim questionando a importância social do garimpo, durante a exposição que fez à comitiva de deputados.

### Argumentos refutados

Os políticos da região desmentem todos estes argumentos. Dizem que o garimpo produz mais do que seria capaz qualquer empresa. Negam que o processo manual de lavagem cause qualquer perda de ouro, assim como a existência de riscos à segurança. Desmentem, por fim, a má distribuição da renda gerada: “É simplesmente impossível que tão poucos fiquem com tanto.”

É difícil avaliar até que ponto o governo tem razão nos três primeiros argumentos. Quanto ao último, ainda que haja algum exagero, provavelmente, o governo tem razão. Serra Pelada é uma Babilônia fantástica, onde homens humildes vivem em condições dramaticamente subumanas. O sonho de um dia alcançarem a riqueza. Não há a menor infraestrutura. As condições de habitação são piores que as de qualquer favela. As condições de saúde são extremamente precárias: há, em geral, apenas um médico para todo o garimpo. O homem, em Serra Pelada, está aviltado, está reduzido à condição de bicho.

A grande maioria dos garimpeiros são apenas trabalhadores braçais, que carregam sacos de terra onde pode haver muito ouro. Mas, para eles, é indiferente que este ouro exista ou não de fato, porque eles ganham apenas comida e, em média, Cr\$ 2 mil por dia para realizar o trabalho. São meros empregados.

Quem ganha em Serra Pelada são os donos dos barrancos de ouro. Há, de acordo com o Departamento Nacional de Produção Mineral, cerca de 3 mil barrancos, a maioria dos quais propriedade de muitos sócios — às vezes, até vinte, trinta ou mais. Os barrancos, porém, são registrados em nome de uma só pessoa. Afé se explica, provavelmente, o alto índice de concentração da renda gerada, segundo os dados oficiais. Por outro lado, há pessoas que hoje são sócias de dezenas de barrancos, e que se tornaram, portanto, grandes capitalistas de Serra Pelada.

Porém, mesmo que os índices oficiais sejam na prática fictícios, existe a concentração da renda, assim como uma superexploração de trabalho humano. O que, aliás, apenas reflete a situação geral do País, sendo portanto completamente normal. E que é culpa da própria coordenação do garimpo, porque, afinal, foi o governo quem distribuiu os barrancos, através de sorteios; foi o governo que organizou o modo perverso de produção que vigora em Serra Pelada; e é o próprio governo que hoje usa esse argumento para fechar o garimpo, desempregar 50 mil pessoas de uma só vez e entregar a mineração à Doce.